

A hipótese da interferência linguística na realização da concordância nominal por alunos do 1º ciclo do ensino secundário em Angola

Bernardino Valente Calossa¹

Resumo: A concordância nominal é uma das áreas críticas do português em Angola, sendo que a falta de harmonia de número entre os elementos que constituem um sintagma, por exemplo, já tem sido apontada como uma das características mais salientes dessa variedade. Este estudo é um recorte de uma investigação em que procurávamos identificar padrões de concordância nominal em 120 alunos do 1º ciclo do ensino secundário, no Lubango, sul Angola, assim como verificar a influência de alguns fatores extralinguísticos nesses padrões. Interessa-nos, por aqui, apresentar especificamente os resultados referentes à influência das línguas maternas dos informantes na realização da concordância. Assim, apesar de os resultados frequentemente apresentados na literatura sobre o tema apontarem para um sentido contrário, um tratamento estatístico sobre os dados recolhidos através de eliciação de frases através de imagens e da realização de um exercício de produção escrita não revelou qualquer significância estatística entre as produções de alunos que falavam exclusivamente o português e as dos que tinham uma língua bantu como materna ou ainda daqueles que eram bilingues precoces.

Palavras-chave: aquisição linguística. concordância nominal. interferência linguística. variedade do português de Angola.

The hypothesis of language attrition in the realization of nominal agreement by first-cycle secondary school students in Angola

Abstract: Nominal agreement is one of the critical areas of Portuguese in Angola, and the lack of number harmony between the elements that constitute a syntagma, for example, has already been pointed out as one of the most salient characteristics of this variety. This study is an excerpt from a research project in which we sought to identify patterns of nominal agreement in 120 first-cycle secondary school students in Lubango, Southern Angola, to verify the influence of some extralinguistic factors on these patterns. We are interested here in presenting specifically the results relating to the influence of the informants' L1 on the realization of agreement. Thus, although the results often presented in the literature on the subject point in the opposite direction, statistical analysis of the data collected through elicitation of sentences using images and a writing exercise revealed no statistical significance between the productions of students who spoke only Portuguese and those who had a Bantu language as their L1 or those who were early bilinguals.

Keywords: language acquisition; nominal agreement; linguistic interference; variety of Angolan Portuguese.

¹ Doutor em Linguística do Português, pela U. Coimbra, Mestre em Português Língua não Materna pela U. Minho e Licenciado em Ensino do Português pelo ISCED da Huíla, é docente do Instituto Politécnico de Ondjiva da Universidade Mandume Ya Ndemufayo, em Angola. ORCID Id.: <https://orcid.org/0000-0001-6191-8630> e do E-mail: dino.calossa@gmail.com.

Introdução

A realização plena da concordância nominal é uma conquista muito difícil de alcançar para quem não aprende uma língua como materna. Em português, este processo é feito mediante a harmonia de todos os constituintes do sintagma nominal (SN) com base nos valores de número e de gênero do seu núcleo. Se, para os falantes de português como língua materna (LM), a concordância é intuitiva e de estabilização precoce, em aprendentes de português como língua não materna (LNM) ela é menos transparente, apresentando níveis de complexidade diversificados para aprendentes, tanto de língua segunda (LS), quanto de língua estrangeira (LE), como adiante se descreve.

Angola é um país multilíngue, em que, além do português, se falam pelo menos nove outras línguas do grupo bantu e duas pertencentes aos grupos que descendem dos que habitavam este território antes da chegada dos povos bantu, os Khoisan e os Vátwa. Nesta miscelânea linguística é uma variedade em processo de consolidação e nativização, com muita variação no que à sua utilização diz respeito e sem uma norma nacional estabilizada. Muita dessa variação tem sido atribuída à utilização de uma LM diferente, geralmente do grupo bantu, daí termo-nos proposto o objetivo de verificar se esta possibilidade se confirma em alunos do I ciclo.

Não é conhecida a percentagem de angolanos que têm o português como sua LM. Mas, considerando que 71,9% dos angolanos utilizam esta língua na comunicação familiar (INE, 2016), pode depreender-se que as crianças que nascem nestes contextos falam unicamente português ou são bilingues (adquirindo simultaneamente o português e uma língua bantu).

Em decorrência, a principal questão aqui discutida é: há, na realização da concordância nominal por parte de alunos do I ciclo, influências da LM? Para dar resposta, aplicamos um questionário sociolinguístico, que serviu para caracterizar o perfil da amostra do estudo, em termos do domínio de línguas, da sua experiência comunicativa nas línguas que dominam, assim como o tipo de exposição/relação que mantêm com essas línguas; um teste de eliciação de frases através de imagens e um teste de produção escrita que serviram para avaliar o conhecimento linguístico dos informantes no que à concordância nominal diz respeito, assim como verificar a influência as suas línguas maternas eventualmente exercem sobre o seu conhecimento linguístico.

A concordância nominal e a sua aquisição

A concordância, em diferentes línguas, envolve os valores que sintaticamente são atribuídos por este processo na estrutura frásica. Estes valores são chamados por Corbett (2009) de categorias (ou características) de concordância.

Em português, Raposo e Brito (2020, p. 2499) apresentam a concordância nominal, de número ou de gênero, como a harmonia que se estabelece no interior de um SN relativamente à categoria gramatical de número/gênero, entre o nome ou o pronome que constitui o núcleo do sintagma e as palavras que são marcadas para essa categoria gramatical”: (i) especificadores, incluindo determinantes e quantificadores, ocorrendo canonicamente à esquerda do núcleo, e (ii) formas adjetivais, ocorrendo quer em posição pré-nominal, quer em posição pós-nominal.

De acordo com Raposo e Brito (2020, p. 2499), “a concordância nominal é, em geral, total e uniforme, ou seja, estabelece-se com todos os constituintes que são marcados para as propriedades gramaticais do gênero e do número”.

Ao contrário do que geralmente é aceite, “a realização dos contrastes de gênero (masculino e feminino), em português, não pode ser atribuída à flexão” (VILLALVA, 2000, p. 171), sendo, por isso, esta categoria entendida como “uma propriedade lexicossintática, cujo valor idiossincrático é carregado pelo radical nominal” (Martins, 2015, p. 27). Assim, enquanto todos os nomes (e alguns pronomes) são especificados quanto ao gênero gramatical, existindo dois valores em oposição, masculino e feminino, a esmagadora maioria não admite contrastes de gênero, não havendo, na morfologia do nome, um constituinte que especifica e consistentemente lhe corresponda. Considerando todos estes fatores inerentes ao gênero, a aquisição da concordância de gênero nem sempre é transparente, havendo grandes variações tanto entre aqueles que têm o português como LM (CHOUPINA *et al.*, 2014) quanto para aqueles que têm o português como LMN (MARTINS, 2015).

Por sua vez, a categoria de número envolve uma oposição básica entre valores de singular e plural, “numa oposição de cardinalidade dos subconjuntos referidos (respetivamente, igual/superior a um)” Villalva (2000, p. 169). Ao contrário do que acontece com a categoria de gênero, a de número reúne mais consenso, quando lhe é atribuída uma natureza flexional. Em decorrência, a aquisição da concordância de número

em contextos de português como LM tem sido apontada como precoce (LOPES, 2004), porém em situação de aquisição de LE ou de LS, ela é extremamente crítica (MARTINS, 2015; ADRIANO, 2019, respetivamente).

A transferência linguística na aquisição da concordância nominal

De acordo com Selinker e Gass (1993, p. 234), “a transferência linguística é o uso do conhecimento da língua nativa (ou outra língua) - de uma forma ainda não clara - na aprendizagem de uma LS”. Durão (2008, p. 69) esclarece que são vários os fatores que podem condicionar uma transferência linguística e destaca, entre vários condicionamentos, (i) a semelhança entre o conhecimento prévio e o subsequente; (ii) a dificuldade de, por conta do conhecimento prévio, associar um significante a um significado; (iii) a capacidade de associar um elemento ao contexto no qual esse elemento foi conhecido e (iv) a consolidação da primeira aprendizagem. Considerando todos estes pressupostos, a transferência pode ser bem-sucedida, sendo, portanto, positiva, ou não, resultando em interferência linguística.

A transferência positiva ocorre quando o domínio de uma língua anterior contribui para a facilitação da aprendizagem da língua-alvo; parte-se do princípio probabilístico de que as habilidades prévias relacionadas com a língua já dominada ajudam a compreender e a interpretar os sistemas da língua em aprendizagem. A transferência negativa ocorre quando “um traço alheio a um sistema linguístico se introduz em outro ou no uso que se faz desse sistema e tal traço não é pertinente”; assim, “os conhecimentos anteriormente existentes entorpecem o desenvolvimento de uma nova aprendizagem, dando lugar a confusões e/ou equívocos” i.e., a interferência linguística (DURÃO, 2008, p. 73).

Na mesma ordem de pensamento, Odlin (2003) concorda com Weinreich (1953) quando este diz que a transferência negativa resulta em interferência e a positiva possui um efeito facilitador sobre a aprendizagem da língua, mas também salienta que há autores, como Ringbom (1987, 1992), que alertam para o facto de a transferência positiva afetar a aquisição muito mais do que a transferência negativa.

Entretanto, é importante referir que a transferência pode ocorrer em qualquer situação de contacto de línguas, com implicações eventualmente diferentes de caso para

caso. Ou seja, numa situação de bilinguismo precoce simultâneo, por exemplo, o contacto entre as línguas em aquisição dificilmente resultará em interferências, já que, deste muito cedo, a criança se familiariza com os dois sistemas linguísticos (DE HOUWER, 1990; GENESEE, 1989; MEISEL, 1989). Pelo contrário, interferência entre as línguas é mais evidente na interlíngua de uma L2 aprendida tardiamente, isto é, em situações em que a LM contacta efetivamente com uma LNM.

No que à atribuição dos valores de número e de género na variedade angolana diz respeito, a hipótese da interferência linguística também tem sido evocada. Havendo, num determinado contexto, dois sistemas linguísticos, a interferência será sempre justificável, no quadro do processo de aprendizagem linguística. E o contexto angolano é muito rico em línguas e, como tal, a coabitação entre as mesmas favorece a ocorrência deste fenómeno.

De acordo com Undolo (2014, p. 192), “a tendência para a não observância do paradigma da concordância nominal decorre aparentemente da interferência da gramática das línguas bantu.” Conforme este autor, nas línguas bantu, “os nomes organizam-se em classes. A variação em número e em género é determinada por um classificativo, que, mais do que esta função, determina a classe à qual uma determinada palavra pertence”. Com base nesse pressuposto, avança o autor, “não ocorre nas línguas bantu a oposição dos valores referentes às categorias de número e de género gramatical por transformações no final da unidade morfológica e, por isso, nesta perspetiva, esta pode ser uma tendência também presente na variedade angolana do português”. Trata-se de uma possível causa já registada em Marques (1983).

Explicando alguns fenómenos concretos de omissão da marca do plural, Nzau, Venâncio e Sardinha (2013) argumentam:

Sendo o kimbundu a língua materna do enunciador, uma língua bantu cuja flexão se opera a nível do prefixo, o raciocínio dentro da lógica dessa língua materna é suscetível de confundir o prefixo com o determinante. Nesta ótica, o falante pode não sentir necessidade de fazer a concordância com recurso à marca do plural. Portanto, a lógica do locutor, neste caso, é atribuir aos determinantes a função que os prefixos exercem na sua língua materna africana (NZAU, VENÂNCIO & SARDINHA, 2013, p. 172).

Nzau, Venâncio e Sardinha (2013) chamam a atenção para o facto de este fenómeno não ser indicador de desconhecimento das noções de singular e plural, pois o mesmo problema não se regista quando os locutores pretendem se referir a apenas uma entidade:

Chamamos atenção para o facto de o locutor de kimbundo não dizer “o carro” e/ou “o pano” quando se quer referir a vários, mas, sim, “os carroø”, “os panoø”. Este tipo de comportamento torna evidente o domínio das noções de singular e plural, bem como a oposição entre elas, por parte do locutor (NZAU, VENÂNCIO & SARDINHA, 2013, p. 172).

Por sua vez, o sistema de género das línguas bantu angolanas “vai além da mera distinção entre masculino/feminino, contemplando classificações como humano, animal, planta, partes pares do corpo, abstrato, líquido” (INVERNO, 2009, p. 208), sendo que, em alguns casos, a categorização de nomes numa classe é menos transparente do que em outros. Não obedecendo a procedimentos homogéneos, os nomes nas línguas bantu não apresentam distinção de género por substituição do tema, como acontece com alguns nomes em português, sendo que a concordância em género nas línguas bantu depende exclusivamente da seleção de afixos que são adicionados no início da unidade morfológica. Por conseguinte, a marcação do género, em português LS, torna-se problemática, sobretudo em casos em que os falantes não são escolarizados. O contraste de género que se realiza por oposição lexical também se torna problemático quando um valor (masculino e feminino) do nome não corresponde ao tema (-o ou -a, respetivamente) da estrutura morfológica.

De acordo com Inverno (2009, p. 166), a variação ao nível da concordância nominal em género na variedade angolana do português é de tal ordem que é, por vezes, difícil identificar se o falante se refere a uma entidade masculina ou feminina, especialmente no caso dos nomes que apresentam o traço [+ animado], como em “_ primeira filho já tem trinta e oito ano”, em que não fica claro se o filho a que o locutor se refere é do sexo masculino ou do feminino. Se considerarmos o núcleo no sintagma nominal sujeito, fica-se com a perceção de que a entidade em causa é do sexo masculino, mas, por efeito do numeral, uma interpretação contrária é igualmente possível.

Todas as análises contrastivas acima referidas parecem ilustrar a influência/interferência das línguas bantu sobre a variedade angolana do português e servem, muitas vezes, de base para a justificação das especificidades que esta variedade apresenta. Entretanto, uma análise comparada mais profunda e abrangente leva-nos à percepção de que as dificuldades de realização da concordância nominal não é um caso exclusivo desta variedade. Há registo de muitas das ocorrências apresentadas acima na variedade moçambicana (GONÇALVES, 2007; 2015; JOAN-AND, 2010; 2011), na variedade de São Tomé (BRANDÃO & VIEIRA, 2012), na variedade de Cabo Verde (JOAN-AND, 2011), na variedade brasileira (BRANDÃO & VIEIRA, 2012; LUCCHESI, 2000; PACHECO, 2010) e, embora em contextos sintáticos distintos, na variedade de Portugal (PERES & MÓIA, 1995). Além disso, demonstra-se em vários estudos que aprendentes de PLE também revelam comportamentos semelhantes (MARTINS, 2015). Em cada um dos contextos, as explicações apresentadas para o fenómeno são variadas e diferentes entre si, embora se possa admitir aqui alguma semelhança entre as explicações apresentadas para as descrições de Angola e das outras variedades africanas do português.

Apesar da relação de convivência entre as línguas bantu e o português nos países africanos de expressão portuguesa e, talvez, de uma relação histórica entre as mesmas línguas no Brasil e em Portugal, parece-nos que a hipótese de um efeito de transferência das línguas bantu para o português não é totalmente linear. No que ao número diz respeito, por exemplo, se, por um lado, há estudos que comprovam haver uma relação entre problemas de concordância nominal e o facto de se ter uma língua bantu como LM (cf. CALOSSA & FLORES, 2020), há, por outro lado, investigações, como a de PESSELA (2020), em que se considera que a existência de problemas da marcação de concordância de número no sintagma nominal dependerá de tendências de marcação de número já encontradas em estudos do português (marcação nos elementos mais à esquerda) e que tal não se deve, mais especificamente, a interferência das línguas bantu, pois estas marcam o plural por prefixação a partir do nome, espelhando-se para outros elementos do SN.

Quanto ao género, a questão é mais complexa. Sabe-se que, em português, a esmagadora maioria dos nomes não está envolvida em contrastes de género e os contrastes existentes são feitos por substituição do índice temático, por oposição lexical, por

derivação ou por composição e, destes processos, o único disponível nas línguas bantu é o da oposição lexical, sendo que há muitos nomes que também não apresentam este contraste.

Apesar dessas diferenças, é importante termos sempre presente a ideia de que nem todos os fenómenos de atribuição de género em português na variedade angolana, que são divergentes em relação à norma de Portugal (vigente em Angola), serão explicados pela interferência linguística, chamando a atenção, por isso, para a necessidade de consideração de todos os outros fatores linguísticos que podem influenciar o processo, como por exemplo a complexidade desta categoria, ou fatores extralinguísticos, como a idade, o processo de escolarização, entre outros.

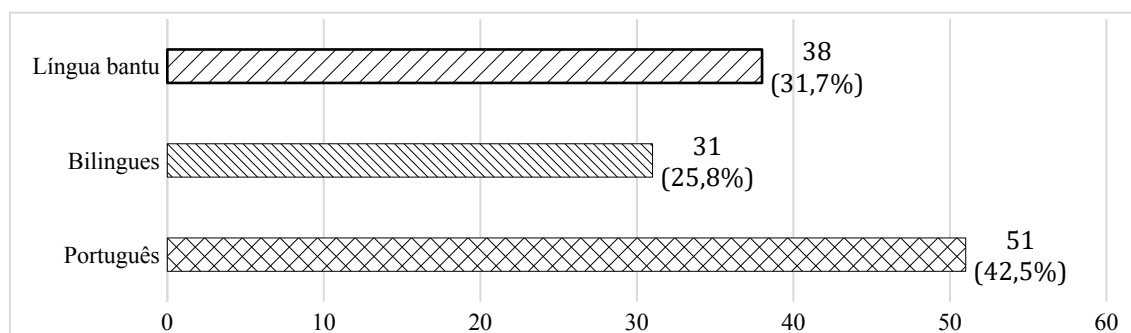
Metodologia

Informantes:

Os informantes da pesquisa foram 120 alunos do Iº ciclo do ensino secundário de uma escola pública no Lubango, no sul de Angola, com idades entre os 12 e os 15 anos de idade. O I ciclo do ensino secundário corresponde ao 7.º, 8.º e 9.º anos de escolaridade. É, portanto, uma amostra intencional que foi escolhida tendo como principal critério de seleção o facto de os sujeitos estarem a frequentar uma das três classes na mesma escola, a qual, por sua vez, foi escolhida por estar localizada na zona suburbana representativa da grande parte do país.

A aplicação de um questionário sociolinguístico permitiu-nos obter o perfil completo dos informantes e, em relação à língua materna, os dados são os seguintes:

Gráfico 1 – Língua materna dos informantes



Através da idade em que os informantes começaram a aprender as línguas que falam, foi possível saber qual é a LM dos mesmos. Consideramos que o informante possuía uma dada LM quando foi exposto a essa língua desde o nascimento e que era bilingue quando foi exposto às duas línguas desde o nascimento ou à L2 até aos 4 anos de idade. Assim, de acordo com o gráfico acima, 42,2% dos informantes tinha o português como sua LP e os demais estão repartidos entre bilingues (25,8%) e aqueles que têm uma língua bantu como materna (31,7%).

Questão de investigação:

Uma das questões levantadas na investigação, cuja resposta permitiu constituir os dados aqui reportados, foi a seguinte: Existe relação entre os padrões de concordância nominal identificados e a LM dos alunos do 1º ciclo?

Desde Marques (1983) que se defende que a estrutura morfossintática das línguas bantu justifica determinados desvios em português e, particularmente, os de concordância nominal. Undolo (2014, p. 192) é, inclusive, categórico e refere que “a tendência para a não observância do paradigma da concordância nominal decorre da interferência da gramática das línguas bantu”. Mais específicos são Nzau, Venâncio e Sardinha (2013) ao identificarem uma relação entre falar kimbundu e a incapacidade de realização plena da concordância nominal. Por conseguinte, e considerando estes pressupostos, levantamos uma **hipótese afirmativa** de que os informantes que dominam uma língua bantu apresentarão maior tendência para padrões variáveis de concordância do que os que não as dominam.

Instrumentos de recolha de dados:

- i. Questionário sociolinguístico: permitiu-nos elaborar um perfil linguístico e extralinguístico de cada um dos participantes da pesquisa;
- ii. Teste de elicitación de enunciados através de imagens: servimo-nos de 20 imagens que foram apresentadas aos informantes para que, com base no que estivessem a ver, escrevessem uma ou duas frases em que incluíssem o nome da figura representada. As imagens foram selecionadas de modo que, nas descrições, fosse necessário recorrer a nomes com valores de género e de número distintos. Para

avaliar o género, tivemos em conta o índice temático das palavras que representam as entidades representadas nas figuras (duas figuras para cada índice temático) e, para avaliação do número, tivemos em conta o número de entidades representadas na figura;

- iii. Teste de produção escrita: pedimos aos alunos que escrevessem em numa página, previamente preparada, um texto sobre como a Covid-19 tinha afetado as suas vidas, a dos seus amigos e a das suas famílias;

Resultados e discussão:

Importa, antes de mais, referir que os resultados gerais dessa pesquisa revelaram que os desvios de concordância nominal de género apresentam uma tendência para regras semicatóricas (com percentagens de desvio inferiores a 2%), nos testes de elicitación (em 2529 SN elicitados) e de produção escrita (em 4179 SN produzidos). Por outro lado, há uma ligeira variação na realização da concordância nominal de número, em que as taxas globais no teste de elicitación sobem para 3,5% (em 4179 SN) e, no teste de produção escrita, para 6,5% (em 2529 SN), certificando parcialmente a existência de variação na realização e no reconhecimento da concordância nominal.

Teste de elicitación: Resultados por LM dos informantes

Ao cruzarmos os dados com essa variável, os resultados obtidos são os que são apresentados na seguinte tabela:

Tabela 1 - Desvios de concordância nominal por LM dos informantes

	LM					
	Português (n.º de informantes: 51)		Língua bantu (n.º de informantes: 38)		Bilingues (n.º de informantes: 31)	
	Nr.	%	Nr.	%	Nr.	%
Género	22	61,1%	7	19,4%	7	19,4%
Número	36	39,1%	32	34,8%	24	26,1%

Entre os desvios de concordância nominal de gênero, 22 (equivalentes a 61,1%) foram identificados em SN escritos por informantes cuja LM é o português. Os demais desvios foram registrados em SN escritos por participantes que têm uma língua bantu como materna (7 casos, correspondendo a 19,4%) e por informantes bilíngues (7 casos, perfazendo 19,4%).

Em relação aos desvios de concordância nominal de número, 36 (equivalentes a 39,1% dos casos) foram registrados em SN produzidos por falantes cuja LM é o português, 32 (correspondendo a 34,8%) por falantes nativos de uma língua bantu e 24 (perfazendo 26,1%) foram identificados em SN escritos por falantes bilíngues.

A média de desvios por informante, assim como os desvios-padrão, estão representados na tabela seguinte:

Tabela 2 - Dados estatísticos relativos aos desvios de concordância nominal em função da LM dos informantes

<i>LM</i>	<i>Desvios de gênero</i>				<i>Desvios de número</i>			
	<i>Méd.</i>	<i>DP</i>	<i>Máx.</i>	<i>Min.</i>	<i>Méd.</i>	<i>DP</i>	<i>Máx.</i>	<i>Min.</i>
Português	0,43	0,64	2	0	0,71	1,01	4	0
L. Bantu	0,18	0,43	2	0	0,84	1,08	4	0
Bilíngues	0,23	0,56	2	0	0,77	0,80	3	0

Considerando o número total de informantes, os resultados revelam que a média de desvios de concordância nominal de gênero por informante com o português LM é de 0,43 (DP = 0,64) e de 0,71 (DP = 1,01) para os desvios de concordância nominal de número. Para os casos de informantes cuja LM é uma língua bantu, as médias de desvios de concordância nominal de gênero e de número, por informante, são de 0,18 (DP = 0,43) e de 0,84 (DP = 1,08), respectivamente. Por sua vez, os falantes bilíngues apresentam uma média de desvios de concordância nominal de gênero de 0,23 (DP = 0,56) e de desvios de concordância nominal de número de 0,77 (DP = 0,80).

Correndo novamente o teste estatístico de Mann-Whitney, foi possível verificar uma significância estatística entre os desvios de concordância nominal de género obtidos em SN escritos por informantes cuja LM é o português e os registados em SN de falantes nativos de uma língua bantu ($U = 777,000$, $p = 0,04$), porém aqueles mesmos resultados, quando comparados com os dos informantes bilingues ($U = 647,000$, $p = 0,81$), ou os resultados dos bilingues quando comparados com os dos informantes que têm uma língua bantu como materna ($U = 587,500$, $p = 0,917$) não revelam nenhuma significância estatística:

Tabela 3 - Comparação estatística das diferenças entre desvios de concordância nominal de género em função da LM dos informantes

<i>Línguas maternas</i>	<i>Médias de desvios</i>	<i>Mann-Whitney</i>
	<i>CNG/Informante</i>	
Português x LB	0,43 – 0,18	$U = 777,000$, $p = 0,04$
Português x Bilingues	0,43 – 0,23	$U = 647,000$, $p = 0,81$
LB x Bilingues	0,18 – 0,23	$U = 587,500$, $p = 0,917$

No que respeita aos desvios de concordância nominal de número, não registamos qualquer diferença estatisticamente significativa entre os casos que foram registados em SN escritos por falantes cuja LM é o português e os que foram escritos por falantes de LM bantu ($U = 898,500$, $p = 0,520$) ou por bilingues ($U = 707,000$, $p = 0,382$), ou ainda entre os resultados dos bilingues e os falantes de uma língua bantu como materna ($U = 576,500$, $p = 0,871$):

Tabela 4 - das diferenças entre desvios de concordância nominal de número em função da LM dos informantes

<i>Línguas maternas</i>	<i>Médias de desvios</i>	<i>Mann-Whitney</i>
	<i>CNN/Informante</i>	
Português x LB	0,71 – 0,84	$U = 898,500$, $p = 0,520$
Português x Bilingues	0,71 – 0,77	$U = 707,000$, $p = 0,382$
LB x Bilingues	0,84 – 0,77	$U = 576,500$, $p = 0,871$

Assim, e ao contrário do que se poderia esperar em situações de contacto linguístico, as taxas de desvio dos falantes monolíngues são tão altas quanto as dos falantes que possuem uma língua bantu como sua LM ou a dos informantes bilingues.

Exercício de produção escrita: resultados por LM dos informantes

Em seguida, pretendíamos saber até que ponto é que os desvios de concordância nominal no teste de produção escrita apresentados acusam a influência da LM dos informantes. Os resultados são:

Tabela 5 - Desvios de concordância nominal de acordo com a LM dos informantes

Desvios	LM					
	Português (n.º de informantes: 51)		Língua bantu (n.º de informantes: 38)		Bílingues (n.º de informantes: 31)	
	Nr.	%	Nr.	%	Nr.	%
Gênero	35	55,6%	14	22,2%	14	22,2%
Número	123	45,9%	89	33,2%	56	21%

A tabela 5 demonstra que, entre os desvios de concordância nominal de *gênero*, 55,6% foram identificados em SN das produções escritas por falantes cuja LM é o português, 22,2% foram registados em SN dos textos de falantes bilingues e outros 22,2% em SN de produções de falantes cuja LM é uma língua bantu.

Em relação aos desvios de concordância nominal de *número*, 45,9% foram identificados em SN dos textos escritos por informantes que têm o português como LM, em 33,2% dos casos em SN dos textos escritos por informantes cuja LM é uma língua bantu e em 21% dos casos registados em SN das produções escritas por falantes bilingues.

Numa primeira análise, e ao contrário do que se poderia esperar, pode verificar-se que os informantes cuja LM é o português apresentaram mais desvios de concordância, tanto nominal de número, quanto nominal de gênero, com 56% e 45,9%, respetivamente.

A tabela 6 revela os resultados estatísticos descritivos relativos aos desvios de concordância nominal registados:

Tabela 6 - Dados estatísticos relativos aos desvios de concordância nominal em função da LM dos informantes

<i>LM</i>	<i>Desvios de CNG</i>				<i>Desvios de CNN</i>			
	<i>Méd</i>	<i>DP</i>	<i>Máx</i>	<i>Min.</i>	<i>Méd.</i>	<i>DP</i>	<i>Máx.</i>	<i>Min.</i>
Português	0,73	1,30	8	0	2,43	2,35	8	0
L. Bantu	0,37	0,67	2	0	2,34	2,46	12	0
Bilingues	0,45	0,81	3	0	1,84	2,28	10	0

De uma maneira geral, as médias de desvios de concordância nominal de número são mais altas se comparadas com as médias de desvios de concordância nominal de género. Por isso, para confirmar se as diferenças entre os grupos por LM são significativas, corremos um teste Mann-Whitney que não revelou qualquer relevância estatística entre elas.

Tabela 7 - Comparação estatística das diferenças entre os desvios de concordância nominal de género em função da LM dos informantes

<i>Língua maternas</i>	<i>Médias de desvios de Mann-Whitney CNG/Informante</i>	
Português x LB	0,73 x 0,37	$U = 797,000, p = 0,096$
Português x Bilingues	0,73 x 0,45	$U = 679,000, p = 0,219$
LB x Bilingues	0,37 x 0,45	$U = 569,000, p = 0,758$

Por outro lado, no que respeita às diferenças relativas aos desvios de concordância de número, o teste Mann-Whitney também revelou não haver significância estatística nestas variações:

Tabela 8 - Comparação estatística das diferenças entre os desvios de concordância nominal de número em função da LM dos informantes

<i>Língua maternas</i>	<i>Médias de desvios de Mann-Whitney</i>	
	<i>CNN/Informante</i>	
Português x LB	2,43 x 2,34	$U = 945,000, p = 0,840$
Português x Bilingues	2,43 x 1,84	$U = 670, 500, p = 0,240$
LB x Bilingues	2,34 x 1,84	$U = 500,000, p = 0,273$

Estes dados são um claro indicador de que os desvios de concordância nominal, quer de género, quer de número, não podem ser atribuídos à LM dos informantes, pois não foi possível encontrar diferenças estatisticamente significativas entre grupos por LM.

Comparação dos resultados

Considerando os dois testes aplicados e, comparados os resultados, a síntese é a seguinte:

Tabela 9 - Comparação dos resultados dos vários testes aplicados tendo em conta a LM dos informantes

<i>Teste</i>	<i>LM</i>	<i>% média de desvio</i>	
		<i>CNG</i>	<i>CNN</i>
Teste de elicitación	Português	61,1%	39,1%
	Língua bantu	19,4%	34,8%
	Bilingues	19,4%	26,1%
Teste de produção escrita	Português	55,6%	45,9%
	Língua bantu	22,2%	33,2%
	Bilingues	22,2%	21,5%

Quer nos resultados referentes aos desvios de concordância nominal de género, quer nos resultados de concordância nominal de número são os informantes cuja LM é o português que apresentam percentagens mais altas de concordância não plena nos testes de elicitación e produção escrita.

Analisados estatisticamente os dados referentes aos desvios de concordância nominal de *género*, apenas registamos significância nos resultados dos informantes de português LM quando comparados aos resultados dos bilingues no teste de produção escrita. Em todos os outros casos deste teste, assim como do teste de elicitación não registamos qualquer significância estatística. Esta constatação faz com que se infirme a hipótese levantada, não havendo, por isso, relação entre os dados registados e a LM dos informantes.

Em Ferreira (2019, p. 294) registam-se alguns desvios de concordância de género que ocorrem, segundo a autora, por “transferência direta do valor de género de nomes das línguas maternas dos aprendentes”. Não sendo as estruturas destes nomes na L1 equivalentes ao mesmo valor na língua-alvo, resultam em desvio. Este dado é importante na medida em que nos passa a noção de que uma língua adquirida anteriormente pode influenciar a aprendizagem da L2. Porém, nos dados analisados, não registamos diferenças significativas entre os dados dos informantes que têm o português como LM e os que têm essa língua como segunda, sendo a materna uma língua do grupo bantu. E, em alguns casos, estes últimos estiveram melhores do que aqueles primeiros. Este dado leva-nos a descartar parcialmente a variável LM entre os fatores que influenciam a concordância nominal de género.

Nos resultados referentes ao desvio de concordância nominal de *número*, não registamos qualquer significância estatística entre os três grupos, isto, entre falantes de português LM, falantes de língua bantu LM e bilingues.

Podemos, com base nisso, inferir que, a ter havido um efeito do contacto com as línguas bantu na tendência para uma concordância nominal em número não plena, esse efeito reportar-se-á a fases iniciais da formação da variedade angolana do português, pois o que os dados revelam é que os falantes de PLM já assimilaram um padrão variável. Este é um resultado também encontrado em Pessela (2020) em relação à concordância nominal de número.

Conclusões

Este trabalho de investigação tem origem na constatação, através do estado da arte e da observação pessoal, da existência de variação na realização da concordância nominal quer de género, quer de número, por parte de falantes da variedade angolana do português.

Com base na pressuposição de que os alunos do 1º ciclo em Angola também pudessem apresentar um domínio variável da concordância nominal de género e de número, pretendíamos, em jeito de objetivo, verificar a influência da língua materna dos informantes nesse processo.

Desta forma, através de um teste de elicitación de frases por intermédio de imagens e um teste de produção escrita espontânea foi-nos possível constituir um *corpus* inédito, o qual foi analisado estatisticamente para, entre outros aspetos, verificar a influência da língua materna sobre a realização da concordância nominal.

Os testes estatísticos realizados sobre os dados não confirmaram a existência de influência estatisticamente significativa entre a variável língua materna dos informantes e os desvios de concordância nominal registados, sugerindo que na realização desta estrutura linguística os grupos analisados são praticamente iguais. Não foi, por isso, possível comprovar, através dos dados analisados, a hipótese da interferência linguística que, teoricamente, tem sido mobilizada para justificar os desvios linguísticos e, mais especificamente, da concordância nominal. A ter haver efeitos de interferência, estes reportar-se-ão a fases anteriores de formação da variedade do português que se fala se Angola ou a falantes com outros perfis linguísticos.

Saliente-se, em conclusão, que, apesar da indubitável relevância dos resultados, a análise que aqui se faz nesta investigação levanta também algumas outras questões. Seria interessante, por exemplo, verificar se a homogeneidade registada é uma tendência que se verifica em zonas totalmente urbanas ou rurais. Esta e outras questões que eventualmente esta investigação possa levantar constituem bons pontos de partida para futuras investigações.

Referências

- ADRIANO, P. S. A omissão da marca do plural /s/: uma realidade no português falado em Angola. *Revista Transverso*, n° 15, 2019. p. 356-373.
- BRANDÃO, S. F., & VIEIRA, S. R. A concordância nominal e verbal no Português do Brasil e no Português de São Tomé: uma abordagem sociolinguística. *PAPIA* 22(1), 2012. p. 7-39.
- CALOSSA, B. V., & FLORES, C. Erosão linguística na aquisição bilingue português – umbundu: evidências no domínio da formação do plural. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 7, 2020. p. 69-85.
- CHOUPINA, C. M., BAPTISTA, M. A., COSTA, J. A., OLIVEIRA, I., & QUERIDO, J. Conhecimentos e regras explícitos e implícitos sobre género linguístico nos alunos dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 1, 2016. p. 201-231.
- CORBETT, G. G. Agreement. Em T. Berger, K. Gutschmidt, S. Kempgen, & P. Kosta, *The Slavic Languages : An International Handbook of their Structure, their History and their Investigation*. Berlim: Mouton de Gruyter Publisher, 2009. p. 342-354.
- DE HOUWER, A. *The acquisition of two languages from birth: A case study*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1990.
- DURÃO, A. B. Transferência (interferência): um fenómeno ainda vigente? *Polifonia*, 15, 2008. p. 67-85.
- FERREIRA, T. *Aquisição/Aprendizagem do sistema de atribuição de género nominal em PLN*. Tese de doutoramento apresentada à FLUC. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2019.
- GENESEE, F. Early bilingual development: One language or two? *Journal of Child Language*, 16, 1989. p. 161-179.
- GONÇALVES, P. Pesquisa linguística e ensino do Português L2: Potencialidades das taxonomias de erros. *Linguística - Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto - Vol. 2*, 2007. p. 61-76.
- GONÇALVES, P. Aspetos morfossintáticos da gramática do português de Moçambique: a concordância nominal e verbal. *Cuadernos de la ALFAL* (7), 2015. p. 9-16.

- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *Resultados Definitivos do Recenseamento Geral da População e Habitação 2014*. Luanda: INE, 2016.
- INVERNO, L. *Contact-induced restructuring of Portuguese morphosyntax in interior Angola. Evidence from Dundo (Lunda Norte)*, Tese de doutoramento apresentada à FLUC. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2009.
- JOAN-AND, A. Concordância variável de número no SN no português L2 de Moçambique - algumas explicações sociais e linguísticas. *Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola*, 2, 2010. p. 28-50.
- JOAN-AND, A. *Variação, contato e mudança linguística em Moçambique e Cabo Verde: a concordância variável de número em sintagmas nominais do português*. Tese de doutoramento. Stockholm: Stockholm University, 2011.
- LOPES, R. E. Estágios no processo de aquisição de número no DP do Português Brasileiro. *Letras de Hoje, Porto Alegre*, 3 (39), 2004. p. 157-171.
- LUCCHESI, D. *A variação na concordância de género em uma comunidade de fala Afro-brasileira: Novos elementos sobre a formação do Português Popular do Brasil*. Tese de doutoramento apresentada à UFRJ. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2000.
- MARQUES, I. G. Algumas considerações sobre a problemática linguística em Angola. *Actas do Congresso sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo*. Lisboa: ICELP, 1983. p. 205-223.
- MARTINS, C. Número e género nominais no desenvolvimento das interlínguas de aprendentes do português europeu como língua estrangeira. *Revista Científica da Universidade Eduardo Mondlane, Série: Letras e Ciências Sociais*. 1 (1), 2015. p. 24-49.
- MEISEL, J. Early differentiation of languages in bilingual children. Em K. Hyltenstam, & L. Obler (org.), *Bilingualism Across the Life Span: Aspects of Acquisition, Maturity, and Loss*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p. 13-40.
- NZAU, D. G., VENÂNCIO, J. C., & SARDINHA, M. D. Em torno da consagração de uma variante angolana do português: subsídios para uma reflexão. *Revista Limite*, 7, 2013. p. 159-180.

- ODLIN, T. Cross-Linguistic Influence. Em C. J. Doughty, & M. H. Long (org.), *The Handbook of Second Language Acquisition*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2003. p. 436-486.
- PACHECO, C. D. *Padrões sociolinguísticos da concordância de gênero da baixada cuiabana*. Dissertação de Mestrado apresentada à UB. Brasília: Universidade de Brasília, 2010.
- PERES, J. A., & MÓIA, T. *Áreas Críticas da Língua Portuguesa, 2ª edição*. Lisboa: Editora Caminho, 1995.
- PESSELA, J. *Sobre a Concordância de Número no Sintagma Nominal no Português de Angola: Variante do Português de Cuito-Bié*. Dissertação de mestrado apresentada à FLUP. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2020.
- RAPOSO, E. P., & BRITO, A. M. Concordância nominal. Em E. P. Raposo, M. B. NASCIMENTO, M. A. MOTA, R. SEGURA, A. MENDES & A. ANDRADE (org.), *Gramática do Português*,. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. p. 2499-2515.
- SELINKER, L., & GASS, S. M. *Language Transfer in Language Learning*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1993.
- UNDOLO, M. E. *Caracterização da norma do português em Angola*. Tese de doutoramento apresentada à UE. Évora: Universidade de Évora, 2014.
- VILLALVA, A. *Estruturas morfológicas: unidades e hierarquias nas palavras de português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

Recebido em: 26 de agosto de 2025.

Publicado em: 20 de dezembro de 2025.